

RÉVEILLON



Palavra francesa, festa de virada do ano com baile e ceia. Na nossa belíssima Maceió a festa fica por conta da Prefeitura e alguns hotéis na orla da Ponta Verde, com muitos fogos bonitos soltados à meia-noite

Nos anos dourados em Maceió o destaque da passagem de ano era o Réveillon no Clube Fênix Alagoana. Baile chique, os homens vestiam smokings pretos, gravata borboleta, faixa na cintura e as mulheres maravilhosas, vestidos de bailes longos cintilantes.

Depois de romper ano novo em casa subia com a família para o salão nobre do clube onde se divertia a fina flor da burguesia alagoana. Ao chegar, os abraços não davam para quem queria. Momentos de alegria, beijos e abraços, chapeuzinho, apito. Era hora de rever amigos que estudavam ou trabalhavam fora da cidade.

Baile animado sempre com orquestra das melhores do Brasil, Tabajara de Severino Araújo, Casino de Sevilha. Festa chique, muito charme, champanhe e comidinhas. Eu passava nas mesas, dava a primeira volta cumprimentando os amigos e o uísque, Benedito Bentes, Teotônio Vilela, Jorge Quintela, Ardel Jucá, foliões constantes de ano novo. Lá para as duas horas da manhã, anunciavam a rainha da Fênix. As jovens desfilavam informalmente, como se nada quisessem, eram candidatíssimas ao cetro de rainha.

Os metais sinfônicos tocavam belas músicas, casais e namorados dançando de rosto colado no salão. De repente uma batida de bumbo, duas, três, anunciando o carnaval. A moçada e as senhoras de belos vestidos longos e cintados, os homens de smokings caíam no passo, cantando com alegria as marchinhas de Capiba.

“ Mande fazer um buquê para minha amada, mas sendo ele de bonina disfarçada...o brilho da estrela matutina...adeus menina linda flor da madrugada....”

Iniciava o ano novo com um animado carnaval. Nada mais alegre, mais feliz. Amigos de braços dados terminavam o réveillon amanhecendo o dia cantando e dançando às sombras das amendoiras da Avenida da Paz, com direito a mergulho de roupa no mar calmo de uma luminosa manhã. Surgia um novo ano.

Namorados ainda bêbados, alegres, com o paletó do smoking aberto, o vestido tão caprichosamente costurado durante meses para o baile do réveillon se arrastavam nas calçadas da Avenida. Algumas mergulhavam para saudar Iemanjá e o Deus Netuno. Era assim o réveillon dos anos dourados, da gente dourada, um carnaval antecipado para entrar o ano novo com muita alegria e esperanças.

No dia 1º de janeiro acordava tarde, vestia um velho calção de banho, descia à praia da Avenida. Nas rodinhas de papo, de paquera, o assunto era o réveillon, quem namorou, como tinha sido o maravilhoso baile da Fênix.

Um mergulho com a namorada no mar tranqüilo, alguns abraços marítimos fechava a manhã. As meninas iam para casa descansar enquanto nós jovens sadios, com força e vigor, continuávamos o primeiro dia do ano tomando uma cachacinha nos bares da praia em Jaraguá, perto dos trapiches. Ao anoitecer íamos às raparigas, subíamos as escadas dos casarões de Jaraguá para desejar um feliz ano novo para todas, boas entradas.

Sempre inventavam histórias fantásticas no ano novo. Em 1959 algum gaiato inventou que todos negros iam virar macacos na passagem de ano para 1960. Foi uma brincadeira de mal gosto de um astrólogo no Sul do país que se espalhou por todo o Brasil. Aqui em Maceió a onda corria, como brincadeira. Um jovem, companheiro de praia, negro que nem um tição, filho da lavadeira, semi-analfabeto, melhor jogador de futebol da turma, me confidenciou, estava com medo da chegada do dia 31 de dezembro. Eu esclareci, tudo não passava de uma brincadeira de péssimo gosto.

Nelson Ferreira grande compositor pernambucano pegou essa notícia esdrúxula e compôs um frevo, muito tocado naquele carnaval, dizia mais ou menos assim:

“Dizem que em sessenta...negro vai virar macaco...vejam só a grande confusão...”

Terminava a música se lastimando que o Brasil ia perder Pelé e Didi. Hoje, por conta do “politicamente correto” certamente Nelson Ferreira seria crucificado.

Assim eram nossos réveillons, cheios de charmes e histórias fantásticas. Um excelente 2016 para todos.